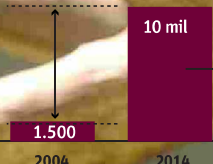


ciência

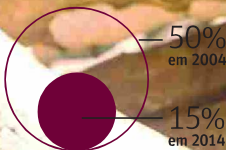
FAUNA EM PERIGO
O que muda na próxima lista de espécies ameaçadas do Brasil

NÚMERO DE ESPÉCIES AVALIADAS



PROPORÇÃO DE ESPÉCIES AMEAÇADAS

Até agora só foram avaliadas 28% das 10 mil espécies, o que explica a queda aparente na proporção



Mico-leão-dourado no zoológico de Sorocaba, SP



Em dez anos, o Brasil teve **250 novas** espécies ameaçadas de extinção



AVES
Categoria com mais espécies ameaçadas (2014)



MAMÍFEROS
Categoria com maior % de espécies ameaçada (2014)

Marisa Camargo - 15. dez. 2011 / Folhapress

Brasil tem pelo menos 250 novas espécies ameaçadas de extinção

Nova lista da fauna nativa em risco está sendo elaborada pelo Instituto Chico Mendes

Dados finais da saúde dos animais serão lançados no final de 2014; última avaliação foi publicada em 2004

CLAUDIO ANGELO DE BRASÍLIA

O Brasil ganhou pelo menos 250 novas espécies ameaçadas na última década. Os dados, ainda preliminares, são da lista da fauna em risco que o ICMBio (Instituto Chico Mendes) prepara para o fim de 2014.

A nova lista é a primeira avaliação global do estado de saúde dos animais brasileiros em uma década.

A anterior, publicada em 2004 pelo Ibama, indicava que 627 das cerca de 1.300 espécies avaliadas de anfíbios, répteis, peixes, aves, mamíferos e invertebrados estava sob algum grau de ameaça.

O status de ameaça de extinção é dado segundo categorias definidas pela IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza).

São elas “vulnerável”, “em perigo”, “criticamente em perigo”, “extinto na natureza” e “extinta”, de acordo com diversas medições do tamanho das populações e do grau de fragmentação dos habitats.

MUDANÇA

Uma instrução normativa publicada na última segunda-feira (3/4) no “Diário Oficial da União” determina

“A metodologia da lista antiga era tendenciosa [...] O número real de animais em perigo aumenta a cada ano. O país não para de crescer, as áreas nativas continuam sendo alteradas

UGO VERCILLO
Coordenador de Espécies Ameaçadas do Instituto Chico Mendes

uma mudança de estratégia na elaboração da próxima lista: a anterior, elaborada pela Fundação Biodiversitas para o Ibama, olhava apenas as chamadas espécies candidatas, ou seja, as espécies de um mesmo gênero ou família com problemas em potencial.

“As listas eram encomendas à Biodiversitas com um prazo de desenvolvimento previamente estabelecido e nunca superior a 12-24 meses e com orçamento limitado”, diz Gláucia Drummond, superintendente da fundação.

“Nessas condições, não era possível avaliar todas as espécies de um dado grupo.”

“Isso era tendencioso, porque a gente já sabe que vai ter vulnerabilidade”, disse à **Folha** Ugo Vercillo, coordenador de Espécies Ameaçadas do Instituto Chico Mendes.

SALTO

A nova avaliação levará em conta todas as espécies de um determinado grupo, independentemente de suspeitas sobre seu grau de ameaça.

Isso fará com que o número de espécies avaliadas sal-

te de 1.300 para 10 mil. Até agora só se avaliou 28% desse total. Daí a queda aparente na proporção de ameaçadas (de 50% para 15%).

Vercillo diz, porém, que o número real de animais em perigo aumenta a cada ano. “O país não para de crescer, as áreas nativas continuam sendo alteradas”, afirma. Um caso que o ICMBio considera preocupante é o dos

tubarões. Das 169 espécies brasileiras, duas são consideradas “regionalmente extintas” e 60 estão sob ameaça.

Outro motivo de preocupação é o impacto do aumento da construção de hidrelétricas sobre os peixes.

“Existe [hoje] uma tendência ao aumento de espécies em perigo, tanto para peixes continentais quanto para marinhos”, diz Vercillo.

Por outro lado, há também espécies saindo de risco devido a programas de conservação. Até agora, segundo o coordenador do ICMBio, três estavam ameaçadas em 2003 já deixaram a categoria.

Outras tiveram seu grau de ameaça reduzido, como a arara-azul-de-lear, caso citado por Drummond.

Segundo a bióloga, esforços de conservação no norte da Bahia, habitat da ave, aumentaram o número de indivíduos na natureza. “É provável que sua categoria seja reavaliada, passando de ‘criticamente em perigo’ para ‘em perigo’”, diz Drummond. Um alívio. Saiba mais em www.icmbio.gov.br

ENTENDA OS CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

Extinto
> O último indivíduo da espécie não existe mais

Extinto na natureza
> A espécie sobrevive apenas em cativeiro

Criticamente em perigo
> Redução da população em 90% nos últimos dez anos ou três gerações
> Redução projetada em 80% durante os próximos dez anos ou três gerações
> A espécie ocorre em menos de 100 km²
> A população é estimada em menos de 50 indivíduos adultos

Em perigo
> Declínio de 70% na população nos últimos dez anos ou três gerações
> Redução projetada de 50% na população para os próximos dez anos ou três gerações
> A espécie ocorre em uma área menor que 5.000 km²
> A população tem menos de 2.500 indivíduos adultos

Vulnerável
> Declínio de 50% na população nos últimos dez anos ou três gerações
> Redução projetada em 30% para os próximos dez anos ou três gerações
> A espécie ocorre numa área menor que 20.000 km²
> A população tem menos de 10 mil indivíduos adultos

Efeito danoso de inseticidas na vida de abelhas é comprovado

Colônias expostas à pesticida são menores e têm menos rainhas

RICARDO BONALUME NETO DE SÃO PAULO

Abelhas e suas primas próximas, as mamangabas, estão sendo afetadas por inseticidas usados para proteger culturas agrícolas de modos só agora descobertos.

Pesticidas pelo jeito não matam apenas pestes. O declínio de populações de abelhas, essenciais para a polinização de plantas, é um fenômeno que se suspeitava ser causado por eles. E agora dois estudos independentes publicados recentemente na revista “Science” demonstram causa e efeito.

Os inseticidas para uso agrícola conhecidos como neonicotinóides começaram a ser usados no começo da década de 1990 e hoje são extremamente populares.

Um dos estudos, pela equipe de Penelope Whitehorn, da Universidade de Stirling, Reino Unido, investigou o im-

pacto de um desses pesticidas, o imidacloprid, em mamangabas da espécie *Bombus terrestris*.

Um dos coautores do estudo, Dave Goulson, lembra que várias espécies de mamangabas se tornaram extintas em anos recentes nos EUA e no Reino Unido.

Depois de receberem doses não letais do pesticida, os insetos foram colocados em um lugar onde poderiam agir em condições naturais por seis semanas.

No final do experimento, as colônias de mamangabas que foram expostas ao pesticida eram em média entre 8% a 12% menores do que outras estudadas ao mesmo tempo sem o inseticida.

E ainda mais grave: as colônias expostas ao pesticida produziram 85% menos rainhas, essenciais para a reprodução de novas colônias.

Já uma equipe na França liderada por Mickaël Henry,

do Instituto Francês de Pesquisa Agrícola em Avignon, usou um enfoque mais tecnológico: abelhas receberam minúsculos equipamentos de identificação por rádio grudados no tórax e tiveram seus movimentos minuciosamente detalhados.

Algumas delas receberam uma pequena dose de outro pesticida, o thiamethoxam.

As abelhas que receberam o pesticida morreram bem mais; as chances de não voltarem à colônia depois de saírem em busca de pólen eram de duas a três vezes maiores, pois com quase certeza o thiamethoxam interferiu na sua capacidade de navegação.

Abelhas e mamangabas são importantes para a polinização de culturas agrícolas, como árvores frutíferas. Que um pesticida usado para proteger um setor da agricultura afete outro é uma curiosa ironia, além de um grave problema potencial.



» **ACREDITA EM DUENDES** Gerente de centro de pesquisa nuclear em Genebra pesa gnomo que viaja o mundo para provar que a gravidade local muda o peso do objeto

Denis Balibouse/Reuters